

Existencialismo Metafísico

Filosofia da linguagem pelo EM

Objetos linguísticos existem?

De forma similar à filosofia da matemática, os objetos linguísticos sofrem com sua dúvida existencial. Igualmente, a natureza da linguagem e seu caráter sistêmico deve ser investigados para uma posição ontológica de seus entes. Assim como a ontologia matemática, diferentes correntes de pensamentos oferecem respostas diversas sobre a existência de objetos linguísticos.

1. Realismo Linguístico

O realismo linguístico, similar ao realismo matemática, defende que os objetos linguísticos têm uma existência objetiva, independentemente de um usuário particular. Assim como objetos matemáticos, como números, equações, triângulos, objetos linguísticos como palavras, frases, sentenças têm existência real.

Como na math, objetos linguísticos seriam formas abstratas e generalizadas que existem além de instâncias específicas de falantes. Por exemplo, a palavra "céu" existe como um objeto linguístico, independentemente de ser usada especificamente em uma escrita ou em uma fala entre interlocutores. Ela pode ser vista como uma entidade abstrata e geral, tal como o número "1".

O realismo platônico tem implicações metafísicas e teológicas na filosofia da linguagem. A palavra "círculo" como objeto matemático perfeito só existe em um mundo metafísico. A palavra "cavalo" como objeto linguístico, existe independentemente do mundo físico e da mente humana. Estas palavras são os significantes específicos para significados universais que independem das linguagens. Assim, os significantes-palavras como verdade, beleza, justiça, 2, círculo, existem no mundo abstrato das formas eternas.

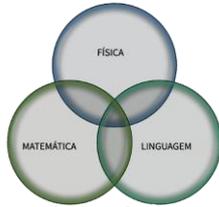
2. Nominalismo Linguístico

Na corrente do nominalismo linguístico, objetos linguísticos são entendidos como convenções ou criações humanas. Eles não têm existência real ou objetiva, mas são práticas rotineiras da linguagem humana. Nesta vibe, palavras e sentenças existem, mas dependem de seus usuários e de seus contextos. A linguagem deve ser convencionalizadas pelos membros para interações cotidianas.

Neste sentido, as palavras céu, cavalo, triangulo em português é apenas uma variação linguística dentre vários outros idiomas e não tem nada de universal ou necessário. Elas são apenas convenções entre usuários. Elas podem mudar com ao longo do tempo. Então, não seriam um objeto linguístico fixo e imutável.

3. Ficcionalismo Linguístico

O ficcionalismo linguístico tem natureza pragmática e a linguagem como um instrumento útil. Os objetos linguísticos não têm existência real e são considerados meras ficções. Palavras e frases não existem como entidades independentes, mas são invenções efêmeras que facilitam a interação humana.



Existencialismo Metafísico

As palavras são inventadas, atomizadas e desaparecem com o tempo. Assim, os objetos linguísticos são inventados para servir propósitos específicos e podem ser descartados.

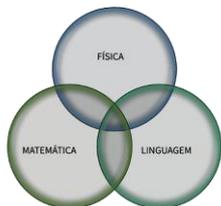
Existe uma corrente filosófica que defende a existência dos objetos linguísticos em razão do uso social. Vale dizer, a existência depende do uso social. Outra corrente de filósofos da mente defendem a existência dos objetos linguísticos, mas eles são representações mentais e dependem da cognição humana.

Similarmente aos objetos matemáticos, a existência dos objetos linguísticos tem correntes filosóficas antagônicas e dependem da perspectiva adotada. O realismo linguístico vê existência real das entidades abstratas, enquanto o nominalismo os vê como convenções e dependem do uso. Outras abordagens vislumbram os objetos linguísticos como ficções, construtos sociais e outras destacam a sua relação com a cognição humana. Como na matemática, nenhuma delas vislumbra os objetos, seja linguístico ou matemático, como elementos de um sistema. Elas não têm uma visão holística ou sintética do estudo. Além disto não vêm a natureza metafísica da matemática e da linguagem.

Em filosofia da matemática, vimos que a ciência dividiu a realidade em sujeito e objeto, mas focou em objetos. Então, para se dizer ciência, é preciso definir seu objeto de estudo. Qual o objeto de estudo da linguagem? Seriam o estudo das palavras, frases, verbos, predicados? Isto não existe no mundo dito real? Estes não podem ser vistos, tateados, ouvidos, saboreados, pois não são sentidos. O positivismo diz que eles devem ser “postos” em nossa frente para poder observá-los e experienciá-los. Mas não tem como, pois eles são produtos de nossa mente. Juntos com os objetos matemáticos, eles não são objetos biofísicos e não podem ser considerados científicos.

A ciência gosta de atribuir a característica de abstração para a linguagem e matemática. A ideia da abstração é isolar um aspecto de algo em detrimento de outros, isolar o aspecto quantitativos e nominativos dos objetos físicos. Para a ciência, algo abstrato é real. A linguagem é “abstrata”, mas também real. Esta ideia é confusa e nada ajuda na natureza da linguagem. A palavra “árvore” é uma abstração do objeto biológico em si. A palavra, falada ou escrita, não é o objeto em si, mas apenas a sua representação mental. Matemática e linguagem sofrem com o dilema da existência, a negação de seus objetos de estudo.

Esta problemática filosófica da matemática e da linguagem tem abordagem diferenciada para nossa filosofia. Para isto, definiremos o que é físico e o que é metafísico para enquadrar a matemática e a linguagem. Os objetos de estudos das ciências são claros. A biologia estuda a vida. A medicina estuda o corpo humano. A química estuda as interações entre elementos da química. O objeto de estudo da ciência física é a trilogia matéria-tempo-espaço, ressaltando que matéria é o mesmo que energia, segundo a formulação de Einstein: $E=mc^2$. Energia é igual a massa vezes a velocidade da luz ao quadrado. Velocidade é movimento da massa (matéria) no tempo-espaço. Da física clássica, passando pela relatividade, à moderna física quântica tal trindade permanece. Outros estudos da física têm esta essência. Por exemplo, o calor é vibração de moléculas, ou seja, algo deslocando no tempo-espaço. Ao se deslocarem no tempo-



Existencialismo Metafísico

espaço, o contato das moléculas promove atrito e a temperatura eleva. Vale salientar que na física clássica, a matéria se move linearmente sem sobressaltos.

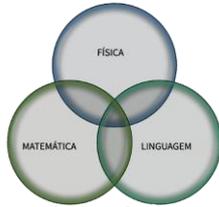
Neste sentido, é válido chamar de metafísico algo que elimine, menospreze, minimize ou dilua tal trilogia. O prefixo “meta” quer dizer além e ao se juntar com o radical “física” dá a ideia de uma existência de algo além da física, alguma coisa além da matéria-tempo-espaço. Enquanto a física funciona linearmente no tempo-espaço, a matemática-linguagem-lógica vai no tempo-espaço com saltos. Explico: ao arremessar uma pedra, ela desloca linearmente no tempo-espaço, ou seja, ela sai de um ponto zero e cobre toda uma trajetória em linha, ponto a ponto e de forma ininterrupta para chegar num ponto final. A linguagem e a matemática transitam fora deste tempo-espaço de deslocamento da pedra, podendo antecipar o final do evento ou mesmo voltar ao início do evento já ocorrido.

Em linguagem, temos os verbos futuro e passado para transgredir o tempo físico. Também, podemos estar em qualquer lugar para usar tais verbos e transgredir o espaço físico. Diferentemente, o universo físico é justamente algo no tempo-espaço. A matéria é energia no tempo-espaço. De Newton a física quântica, passando por Einstein, o paradigma da física é a trindade matéria-tempo-espaço. Porém, a matemática não possui esta trindade. Ela não é matéria, apesar de ser utilizada para contar, medir e ordenar o mundo material. Ela não tem prazo de validade. Ela é a mesma em qualquer lugar.

Seguro nesta ideia, podemos afirmar o caráter metafísico da linguagem, uma vez que ela elimina, ou pelo menos dilui, a trindade física. Estamos imersos no mundo material e, aparentemente, tudo parece físico. Temos que fazer um esforço mental para não confundir o fenômeno em si com a representação linguística dele. Com a matemática-linguagem-lógica podemos antecipar o ponto final antes do arremesso ou podemos voltar ao ponto inicial, se já arremessada. Asseveramos que a representação mental pela linguagem é um outro fenômeno diferente do fenômeno físico em si, além da física, pois elimina a matéria-tempo-espaço. Vale dizer, são duas realidades, a representação mental e o fenômeno físico em si.

Esta ideia tem uma implicação lógica. Se linguagem é metafísica, ela deve ter uma base igualmente metafísica. Aqui, advogamos que a linguagem tem base na mente que é igualmente metafísica. Existe uma separação clara entre o cérebro (base física) e a mente (base metafísica). Cérebro é um órgão do corpo e funciona com sinais elétricos enviados entre suas unidades, os neurônios. Ele não possui os arquivos físicos (fotos, documentos, equações), assim, a memória humana é igualmente metafísica. Lembramos do passado sem necessidade de voltar fisicamente nele. Podemos programar o futuro sem necessidade física de ir até ele. Nossa mente flexibiliza o tempo-espaço, podendo prever ou voltar no tempo-espaço. Igualmente, nossa mente é algo metafísico, algo que não pode acessado por modernos aparelhos médicos. A representação matemática e linguística do fenômeno físico em si ocorre na mente, uma base igualmente metafísica.

Igualmente a linguagem, somos um sistema metafísico. O corpo é claramente um sistema físico, com memória, entrada, processamento e saída. A memória é conjunto de informações que só permite entrada de alimentos e rejeita não alimentos. Alimentos



Existencialismo Metafísico

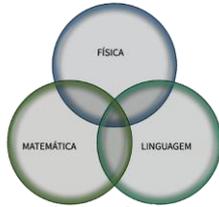
entram, são metabolizados e transformados em energia para o corpo. A saída é o movimento, entre outros. Noutro giro, temos também o fenômeno metafísico. Como todo sistema, temos entrada, processamento, saída, memória. A entrada física pode ser feita pelos sentidos, mas depois a mente as transforma em informações metafísicas que são processadas e tem como uma das saídas um registro na memória. A memória é um conjunto de informações que a mente vai registrando ao longo da existência. Mais memória significa mais velocidade de processamento.

Da mesma forma, a lógica é algo desprovido de matéria-tempo-espaço. Como a matemática e a linguagem, ela não é algo experienciado pela ciência. Como um sistema, lógica estuda as inferências válidas a partir das proposições-premissas. Auxilia a passagem das premissas para a conclusão. Lógica é o caminho para a verdade, ligando a entrada à saída do sistema. Não podemos determinar o verdadeiro e falso pelo uso da lógica e isto não é o propósito da lógica. A lógica não trabalha com axiomas (veracidade auto evidentes), mas proposições que têm valores lógicos (V, F), para chegar a conclusões válidas.

Em direito, temos definições de crimes. Por exemplo, “matar alguém” é crime de homicídio simples. O direito determina a pena: reclusão de 6 a 20 anos. É muito comum as investigações policiais levarem a suspeitar, e a justiça condenar, um inocente. Apesar da inocência, o homicídio praticado pelo réu é considerado verdadeiro e temos a entrada do sistema, conforme o processo. A lógica (no caso o processo) liga a entrada à saída. Então, o réu cumprirá a pena de reclusão. A lógica tem tabelas verdades, um instrumento lógico com todos os valores lógicos de uma proposição composta. Nosso caso, é a tabela condicional de lógica condicional se-então (se $p = F$, então $q = V \rightarrow V$). “se” cometeu crime, “então” pena de reclusão. Ainda que falsa a proposição inicial, a lógica considera a implicação verdadeira.

Lógica não entra no mérito das proposições, mas lança as bases do processo: uma proposição não tem como ser Verdadeiro e Falso ao mesmo tempo – princípio da não contradição; a proposição só pode ser apenas Verdadeiro ou Falso, sem terceira opção – princípio do 3º excluído. Em síntese, lógica trabalha com proposições, semanticamente verdadeiras ou falsas, operações lógicas, e resulta em verdade ou falsidade. A lógica menospreza os objetos matemáticos. Isto é confuso, pois a lógica parece enquadrar na ideia de sistema. Como sistema, a lógica precisa de objetos, partes em sistema. As premissas (proposições) seriam os objetos, enquanto a interação entre elas seriam a lógica em si e a conclusão seria outro objeto lógico, outra proposição. Gostamos de pensar a lógica como a dinâmica do sistema, a interação entre os objetos dos sistemas. Enquanto os números devem ser vistos como uma fotografia, a lógica deve ser vista como um filme, um processo.

Reflexo do homem, o computador é igualmente um sistema virtual, metafísico ou quase, chamado de software, composto basicamente de memória, entrada, processador e saída. Similarmente ao homem, ele também recebe dados de entrada, mas através de teclado, câmara, pen-drive, entre outros (como nossos sentidos), que são processados e têm como saída uma tela, som, registro em memória, entre outros. Como nós temos uma



Existencialismo Metafísico

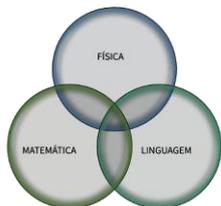
linguagem, os computadores têm linguagem artificial para a programação. Como na lógica, a saída é condicional a entrada.

Defendemos que se trata da mesma essência do computador, do homem e de toda natureza física e metafísica. Claro que o homem também é provido de sentimentos e emoções que o diferenciam das máquinas. Sentimentos e emoções, para nós, são acessórios do universo no auxílio do fluxo do universo, podendo atuar inclusive no contrafluxo do universo. Por isto, eles parecem confusos. Amor e ódio, às vezes, parecem próximos. Um homem que ama uma mulher é o mesmo que a mata por ciúmes. Acreditamos que quanto menos usamos sentimentos e emoções no contrafluxo, mais aperfeiçoados e intensos tais sentimentos se tornam no fluxo.

Forte nesta ideia, advogamos que a matemática, a linguagem, a lógica e a vida têm esta natureza metafísica. A linguagem tem natureza metafísica. Vamos supor que uma pessoa viu um acidente. No dia seguinte, a lembrança do acidente ainda é muito viva na memória desta pessoa. Ela poderia relatar para outra pessoa: ontem, eu estava na avenida Tiradentes, quando no cruzamento com a avenida Amazonas, um carro Mitsubishi veio em alta velocidade e acertou de frente um moto boy; na sequência, chegou a polícia e uma ambulância. Este relato e pensamento existe apenas na mente do narrador, diferente do acidente em si, o fenômeno biofísico em si. Outras testemunhas e participantes do evento terão uma visão diferente para o mesmo acidente. Como diria Kant, a coisa em si ou o fenômeno em si do acidente é algo diferente e impossível de ser experienciado, muito distante do pensamento daquela narrativa da testemunha.

Evidentemente, a linguagem tem aspectos físicos e biológicos que, digamos, não são essenciais ao significado da comunicação. Ao falar, o narrador utiliza das cordas vocais, língua, enfim, todo sistema vocal. O som produzido pelo aparelho vocal se desloca no ar por ondas físicas. Mas o significado, a ideia é algo além da física e da biologia. O aparelho vocal produz apenas sons, mas a mente dá significados metafísicos para os sons. De forma igual, as letras escritas têm a questão material da tinta no papel e da luz que atinge os olhos do observador, mas também têm significado além desta biofísica, capturado somente pela mente, igualmente metafísica.

Com base na biologia, a ciência gosta de ver a história da linguagem em termos de evolução, mesmo contra evidências. O filósofo americano, Charles Sanders Peirce, fundou uma ciência, a Semiótica que estuda os signos. De forma simples, signos são sinais. De forma mais complexa, signos são objetos materiais que representam outros objetos diferentes dos primeiros, um pareamento entre coisas, como contar coisas usando os dedos. Em sua teoria, Peirce prevê a progressão dos signos de índices para ícones para símbolos. Os índices são naturais e conecta coisas diretamente como o cheiro de um acarajé conecta com a iguaria baiana. Aquele ditado “onde há fumaça, há fogo” é uma espécie do signo ícone. Então, uma pegada, um retrato pareiam duas coisas. Igualmente, um ícone parecia duas coisas. As placas de trânsito e os pequenos desenhos que são comandos do computador são ícones muitos comuns no cotidiano. Já os símbolos são pareamentos entre coisas de forma arbitrária como as palavras e os números.



Existencialismo Metafísico

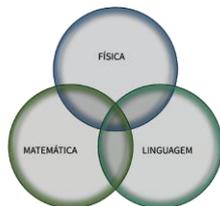
Os símbolos são o ponto alto desta evolução e se tornou um paradigma científico, confirmado por estudos da arqueologia. Animais entendem os signos índices. Eles percebem cheiros de predadores e de presas. Alguns animais marcam territórios com sua urina e manda uma mensagem: isto é meu, não se aproxime. Uma evolução biológica para os ícones também parece natural. Homens pré-históricos desenhavam seus pares, sua caça em cavernas no passado. Estes 2 signos desenvolveram em um longo tempo, quiçá milhões de anos. A biologia prevê a mutação de forma gradual. Todavia, os símbolos desenvolveram rapidamente. O surgimento a língua indo-europeia, dizem, se deu a cerca de 8 mil anos. A escrita se deu em torno de 5 mil anos, enquanto o alfabeto se deu a cerca de 4 mil anos. O desenvolvimento rápido da linguagem permitiu o desenvolvimento rápido da tecnologia. A evolução de ícone para símbolo não parece natural.

Contrariando a evolução biológica, o linguista americano, Daniel Everett, defende que a imaginação e a inteligência humana criaram os símbolos e não mutações genéticas. A evolução biológica desenvolveu nossos cérebros, mas a partir daí a invenção seguiu sozinha. A evolução pela seleção natural tem base científica clara no mundo animal, onde os mais fortes e hábeis reinam entre os mais fracos. Hodiernamente entre os homens, tal teoria científica não faz sentido. Os estados têm secretarias de saúde e de segurança que amparam os doentes e os fracos. No passado, os fracos podiam usar revólveres em uma lide com os mais fortes. Everett defende que as mudanças modernas são culturais, ao invés de evolutivas. Para ele, não existe conexões entre linguagem e a genética. A sintaxe não tem como ter surgido de uma mutação genética. Não há um gene da linguagem.

Para nós, a evolução é metafísica. A progressão e a direção do conhecimento da linguagem são do físico para o metafísico. Os índices são conexões entre coisas físicas, mas a base que conecta tais coisas é metafísica. Os ícones também pareiam coisas físicas, mas igualmente a base que conecta tais coisas é metafísica. Já os símbolos pareiam coisas físicas, mas também têm significados metafísicos, localizados também em uma base metafísica, a mente.

Em harmonia com o exposto, podemos dizer que a linguagem e a vida têm natureza metafísica. Enquanto as ciências materialistas têm objetos físicos, fáceis de identificar, os objetos matemáticos e linguísticos têm natureza metafísica e, digamos, fáceis de negar. A linguagem e a matemática têm claramente feitio de sistemas ou encadeamento de sistemas, fáceis de identificar. Entrada, saída, processamento e memória são características da linguagem e da matemática, como qualquer sistema.

A natureza metafísica da matemática e da linguagem implica natureza metafísica dos seus objetos que implica em sistemas metafísicos. Enquanto a física implica em objetos físicos que implica em sistemas físicos. Negar objetos linguísticos e matemáticos é negar o caráter sistêmico delas. Enquanto os objetos são fixos, a lógica é a parte dinâmica do sistema. A matemática e a lógica têm problema de definição, pois têm dúvida sobre a existência de seus objetos e, assim, não são vistos como sistemas. Em



Existencialismo Metafísico

nosso diagrama, todos os conjuntos, sejam interseções ou não, são vistos como sistemas.

Esta abordagem propõe uma mudança de paradigma. O paradigma da física é algo no tempo-espaço. É a trindade matéria-tempo-espaço. A física é a mais elementar ciência, pois abrange grandes sistemas como o universo e suas galáxias até os pequenos sistemas de partículas subatômicas, passando por toda matéria que existe. É a base de toda ciência. De um ponto vista transcendental, esta ideia é ultrapassada.

Nós chamamos de Filosofia Primeira o estudo da Linguagem, da Lógica e da Matemática, pois até os animais têm estes princípios, ainda que em pequena escala. Eles usam a comunicação. Animais mais inteligentes como golfinhos têm, digamos, uma linguagem para chamar seus filhotes. Eles podem contar até 3 ou 4, têm noção intuitiva de tempo-espaço para caçar e sobreviver. Também têm a lógica intuitivamente “se-então-senão” para sobreviver. Se encontrar comida, então comer, senão procurar.

A literatura científica gosta de dizer que “abstração” para denominações de objetos linguísticos e matemáticos, mas para nossa filosofia eles objetos metafísicos e têm base igualmente metafísica, a mente. O Existencialismo Metafísico advoga a natureza metafísica da existência da matemática, da linguagem, da lógica e da vida. A humanidade precisa sair da caverna de Platão.